

OS ESTUDOS GEOPOLÍTICOS NO BRASIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA SUA AVALIAÇÃO

Shiguenoli MIYAMOTO*

RESUMO: O texto faz um "balanço" dos estudos geopolíticos realizados no Brasil, mostrando os principais temas discutidos no período 1920-1980.

UNITERMOS: Geopolítica e relações internacionais; doutrina de segurança nacional e desenvolvimento; poder nacional; política e estratégia.

O objetivo destas notas é tecer rápidas considerações sobre os estudos geopolíticos produzidos no país, ver quais os temas analisados com maior frequência e quem os discutiu. Obviamente não pretendemos esgotar o assunto, tampouco discuti-lo exaustivamente, mas apenas fornecer alguns elementos para aqueles que não tiveram oportunidade de se deter com mais atenção sobre essa problemática.

Observar-se-á, também, no decorrer desta leitura, que muitos temas não foram abordados com mais ênfase, como as fronteiras e o mar territorial. É reconhecida a importância desses elementos na política internacional de qualquer país. Contudo, discuti-los aqui tomaria mais espaço do que nos é reservado, por isso apenas uma ou outra obra referente ao assunto foi mencionada. O mar tem recebido muito mais tratamento jurídico, enquanto as fronteiras têm sido estudadas

sob ponto de vista histórico, como se pode ver pelos trabalhos de Vicente Marotta Rangel (141), Christian Gui Caubet (34) e J.C. de Macedo Soares (106), portanto não foram aqui considerados.**

Não apenas esses temas, como a própria política exterior foi relegada a um plano secundário — embora reconhecemos como sendo fundamental a importância da geopolítica na formulação da política internacional do Brasil. Com relação a este problema discussões inúmeras têm sido feitas, e o acesso à bibliografia é relativamente fácil, podendo ser consultadas publicações como a *Revista Brasileira de Política Internacional* (Rio de Janeiro), a *Revista Brasileira de Estudos Políticos* (Minas Gerais) e o *Boletim da Sociedade Brasileira de Direito Internacional* (Rio de Janeiro), ricas em conteúdo.***

Feitas estas ressalvas e, em virtude da maior dificuldade no acesso às obras que

* Professor Assistente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17500 — Marília — SP — Brasil.

** Contudo há obras como a de Soares (177) que são verdadeiros "tratados" geopolíticos. O papel estratégico desempenhado pelo Atlântico Sul tem sido, por outro lado, constantemente enfatizado pelos estrategistas brasileiros em artigos publicados em revistas especializadas.

*** Há inclusive levantamentos bibliográficos sobre a política exterior brasileira. Consultar, por exemplo, GRADEN-DORFF & NITSCH (70). No momento Zairo Cheibub está desenvolvendo no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), uma pesquisa intitulada "Bibliografia de Artigos de Política Externa Brasileira", visando levantar todos os artigos publicados nas revistas brasileiras desde 1930 sobre política externa e relações internacionais.

tratam do tema deste pequeno trabalho, iniciamos com algumas considerações sobre o que é geopolítica e geografia política, delimitando seus campos de atuação e quais as “escolas geopolíticas”*.

— I —

A maior parte dos autores costuma fazer distinção entre geografia política e geopolítica. Pela primeira entendem uma disciplina do ramo da geografia, que apresenta características estáticas e estuda os aspectos geográficos de um determinado território, preocupando-se mais com a parte descritiva do que analítica destes fatores. A geografia política teria a seu cargo descrever as fronteiras, os rios, as serras e as planícies, contentando-se em realizar uma representação meramente estática desses elementos. A geopolítica, pelo contrário, não se satisfaz apenas com a descrição física dos acidentes geográficos. A geopolítica se preocupa com a aplicação desses fatores na formulação de uma política visando principalmente fins estratégicos. Concebida sob este prisma a geopolítica é uma *teoria do poder* e visa sobretudo o preparo para a guerra. Nestas condições a geopolítica é essencialmente dinâmica, fazendo parte não da geografia, mas sim da ciência política.

Muitos autores consideram a geopolítica a *consciência geográfica do Estado*, identificando-se com a concepção adotada pela “Escola de Geopolítica de Munique”**. Mesmo interpretada dessa

forma é inegável que o seu estudo se reveste de suma importância para a compreensão da própria política doméstica, mormente naqueles países que, em determinada etapa de seu desenvolvimento, aspiram atingir a categoria de país-potência.

Não é necessário concordar-se com os pressupostos da geopolítica para se estudá-la. Torna-se importante, isto sim, constatar sua existência e sua influência na política de vários países, inclusive na do Brasil. Isto se verifica, por exemplo, no período pós-64, quando muito da geopolítica tem servido de pano de fundo — às vezes ocupando lugar de realce — na elaboração e conduta da política nacional, sobretudo no campo das relações internacionais.

Se a “Escola de Munique” atemorizou o mundo em décadas passadas com o *Lebensraum* (ou *teoria do espaço vital*, segundo a qual a conquista de territórios é crucial para a sobrevivência do Estado), hoje este argumento dificilmente resistiria como justificativa para que o estudo da geopolítica seja execrado nos meios acadêmicos. A própria ascensão do estamento militar ao poder nestes últimos lustros justifica a necessidade de se entender a geopolítica. Isto porque apenas os estrategistas militares se preocupam com a formulação do *Conceito Estratégico Nacional* ou *grande estratégia*, que permanece obscuro para os cientistas políticos***. O preconceito contra o estudo da geopolítica ocorre mesmo sem que se sai-

* Alguns “manuais” trazem boas informações a esse respeito. Consultar ATENCIO (5), HENNIG & KORLHOLZ (88), LESCANO (92), VICENS-VIVES (202) e CÉLERIER (35).

** Este conceito foi utilizado por Karl Haushoffer nos anos 30 tendo ele criado ainda, segundo vários autores o Instituto de Geopolítica de Munique. A existência dessa entidade, contudo, é discutível, e mesmo a sua influência na conduta estratégica alemã e também colocada em dúvida por Strausz-Hupe e Troll. Para este último o que houve foi uma supervalorização, no estrangeiro, principalmente pelos estrategistas norte-americanos, da influência política de Haushoffer. Segundo Troll não havia sequer o “tão-famoso” Instituto de Munique a que mesmo Strausz-Hupe faz menção. O que aconteceu, de acordo com Troll, foi uma grande divulgação dos estudos de Haushoffer e seus discípulos, afirmando ainda que esse não tinha sequer uma *vena legendi* para geopolítica na Universidade (Cf. STRAUZ-HUPE, 184, TROLL, 199).

*** Segundo Liddell-Hart, um dos autores mais mencionados pelos estudos da ESG “o *Conceito Estratégico Nacional* ou *grande estratégia*, embora sinônimo da política que orienta a conduta da guerra, que se distingue daquela que deve governar os seus objetivos, se presta melhor para exprimir a execução de uma política. Na realidade a finalidade da *grande estratégia* — *estratégia superior* — e coordenar e dirigir todos os recursos de uma nação, ou grupo de nações, tendo em vista a conquista do objetivo político da guerra, definido pela política fundamental do governo” (LIDDELL-HART, 94 416-417)

ba sequer as teorias que existem a seu respeito. Abramos portanto um parágrafo e introduzamo-las sucintamente.

Federico Ratzel (1844-1904) e Rudolf Kjellén (1864-1922) são considerados os fundadores das modernas geografia política e geopolítica. Esses autores “criaram escolas” que vêem o Estado como um organismo vivo, podendo ampliar ou reduzir seu território conforme sua História. Dessa forma o Estado, ao atingir um alto grau de desenvolvimento, tende a se expandir fisicamente, sucedendo-se o contrário em períodos de baixo desenvolvimento, podendo mesmo desaparecer ou ser absorvido por outro Estado mais forte. Esta postura que considera o Estado como organismo dotado de características orgânicas ficou conhecida como *escola determinista* (a geografia é que determina os destinos de uma nação).

Ao lado desses, outros nomes são considerados “clássicos” na geopolítica mundial. Um deles, Halford Mackinder (1861-1947), ficou conhecido com a *teoria do coração do mundo*. Segundo Mackinder quem conquistasse determinada região designada *eixo geográfico da história* (hoje constituída pela China Continental e União Soviética) teria o controle do mundo. Sua teoria foi sintetizada no seguinte princípio: “Quem domina a Europa Oriental controla o *coração do mundo*. Quem domina o *coração do mundo* controla a Ilha Mundial. Quem domina a Ilha Mundial controla o mundo” (MACKINDER, 109: 150).

Mackinder, Ratzel e Kjellén são os representantes maiores da teoria que considera o *território como fonte de poder*, tendo exercido marcada influência no estrategista Karl Haushoffer, um dos principais assessores de Adolf Hitler. Há mesmo versões segundo as quais a Alemanha ao fazer o Acordo Ribbentrop-Molotov

(1939) com a União Soviética teria obedecido às concepções estratégicas desenvolvidas por Haushoffer de domínio do *coração do mundo*.

Com relação ao poder marítimo, o nome de Alfred Thayer Mahan (1840-1914) é o mais conhecido. Em trabalho escrito no final do século passado “mostrou” como os mares tinham sido importantes para a grandeza do outrora poderoso Império Britânico (Cf. MAHAN, 110: cap. 1). Mahan teve em Nicholas J. Spykman (1893-1943) um adepto do fortalecimento do poder marítimo. É também conhecida a *teoria das fimbrias marítimas* desenvolvida por Spykman em plena Segunda Guerra Mundial, segundo a qual havia necessidade de se enfatizar a defesa dos Estados Unidos através de barreiras que cobririam o Atlântico desde a Groenlândia até o nordeste brasileiro; no Pacífico, desde o Alaska até o sul do Chile (Cf. SPYKMAN, 183: cap. 14 e 15).

O poder aéreo, por sua vez, teve em Alexander P. de Seversky, William Mitchell, J. Douhet e Von Seecket os defensores de uma nova estratégia que deveria ser adotada pelas nações, ou seja, o controle dos ares. Na concepção desses autores a existência de uma força aérea eficaz é que seria determinante nos resultados de uma guerra. Seversky “demonstrou” em seu trabalho a “decadência do poder naval” que deveria, segundo ele, converter-se em forças auxiliares da aviação (SEVERSKY, 166:277*).

Pode-se ver por essas teorias a importância que a geopolítica assume no mundo moderno. Se não se deve aceitá-la como era formulada por Ratzel, Kjellén ou Haushoffer, nada melhor que entendê-la bem e preparar-se para combatê-la eficazmente; ou então utilizá-la para analisar situações em que sua influência é acentuada

*Sobre as concepções de Willian Mitchell, J. Douhet e Von Seecket, consultar ATENCIO (5: cap. X, p. 301-326)

não só na política estratégica como também econômica de muitos países.

— II —

A bibliografia sobre a geopolítica brasileira é extremamente fecunda, tanto quantitativa como qualitativamente, ao contrário do que é corrente pensar-se, e praticamente desconhecida no meio acadêmico, que nutre, em relação a ela, um preconceito que perdura desde a década de 1940. Uma rápida olhada na literatura existente servirá para constatar a pouca participação de cientistas políticos na elaboração e análise de estudos geopolíticos.*

Isto eventualmente poderia ser explicado pela imediata associação que se faz entre geopolítica e a política do Nacional-Socialismo vigente na Alemanha do III Reich. A *teoria do espaço vital* e o expansionismo adotado por Hitler serviram de pretexto para que os cientistas políticos nacionais se fechassem em uma redoma, onde o estudo da geopolítica foi excluído, e seus estudiosos vistos com desconfiança.

Salvo poucas exceções o estudo nesta área tem sido monopolizado por militares, principalmente aqueles ligados à Escola Superior de Guerra (ESG), bem como por pessoas vinculadas direta ou indiretamente a órgãos que tratam da segurança nacional. Poucos são os outros que se têm aventurado a perscrutar o caminho “tão suspeito” dos estudos da geopolítica e estratégia.

O Brasil foi um dos primeiros países a produzir estudos sobre geopolítica *stricto sensu*. As teorias desenvolvidas originariamente por Ratzel e Kjellén encontraram caminho fértil deste lado do Atlântico. Assim é que pouco tempo de-

pois do ensaio de Mackinder sobre o *eixo geográfico da história*, escrito em 1904 — complementado em 1919 pelo *Democratic Ideals and Reality* (109) — tínhamos já no País um estudo preocupado com o papel da geografia na formulação da política nacional (CARVALHO, 28).

O País sempre se caracterizou por apresentar, nos quadros da Chancelaria, diplomatas que entenderam o fator geográfico como elemento importante para o fortalecimento do *poder nacional* tão apregoado nos últimos anos. A própria Escola Superior de Guerra considera como precursores da geopolítica nacional, no campo prático, Alexandre de Gusmão e o Barão do Rio Branco (Cf. ESG, 49: 31-32). O primeiro, responsável pelo Tratado de Madrid (1750), e o segundo, figura de primeiro plano na diplomacia internacional, responsável pelo traçado e fixação das modernas linhas fronteiriças nacionais, estendendo-as adentro do *hinterland* latino-americano.

Quanto à literatura existente, considera-se unanimemente como figura de maior importância na geopolítica nacional, Everardo Backheuser, pioneiro nesses estudos, sistematizando informações até então desordenadas, como disse um dos estudiosos das décadas de 1950 e 1960 (TOSTA, 191).

Embora um dos primeiros ensaios — considerados por Tambs (187) — seja referente ao problema da mudança da Capital Federal (PIMENTEL, 135), foi só a partir dos escritos de Everardo Backheuser (6, 7 e 8), que a geopolítica sofreu impulso, tendo sido esse um dos autores mais profícuos durante as três décadas que se seguiram. Suas considerações versavam desde uma teoria sobre a possível marcha da civilização e discussões teóri-

* Um levantamento mais exaustivo sobre a geopolítica latino-americana pode ser encontrado em TAMBS (187). Podem ser vistos também meus trabalhos (122 e 123). No primeiro arrolamos cerca de 600 títulos que dizem respeito à temática nacional, enquanto o segundo analisa o pensamento geopolítico brasileiro.

cas sobre geopolítica e geografia política, até a mudança da Capital Federal, passando pelos problemas da divisão territorial e das fronteiras, detendo-se constantemente no tema da organização nacional, nisto extrapolando o campo específico da geopolítica.

Mal Backheuser havia iniciado sua atividade nesta área e já nos inícios de 1930, um trabalho considerado de fundamental importância para a compreensão da geopolítica brasileira foi produzido, e se revestiu de tal significado que ainda hoje é considerado uma das obras mais sólidas no assunto. Tão importante que mereceu várias edições nacionais, sendo também vertida para o espanhol em 1941.* Trata-se dos *Aspectos geográficos sul-americanos* (192), de autoria de Mário Travassos, reeditado alguns anos depois com o título de *Projeção Continental do Brasil*.

Nesta obra Travassos, ao mesmo tempo que analisou os antagonismos geográficos regionais, contrapondo Atlântico ao Pacífico e a Bacia do Prata à Bacia Amazônica, reviveu em plano continental a teoria de Mackinder, fazendo do triângulo Sucre-Cochabamba-Santa Cruz de La Sierra o *pivot* da política latino-americana. Tal semelhança com a teoria do *coração do mundo* de Halford Mackinder é patente pela própria localização geográfica do eixo boliviano. Esta obra é frequentemente mencionada (não muito por nacionais, pois poucos destes a leram), sobretudo nos países vizinhos, que a utilizam para denunciar a tentativa do papel hegemônico que o Brasil procura assumir na região, apoiado nessa teoria.

Nas décadas de 1920 e 1930, entre a literatura considerada de maior importância, e que merece destaque, encontramos os trabalhos de Orlando de Carvalho (29),

Delgado de Carvalho (21 e 22), Cidade (36), Silva (173), embora ocupem posições exponenciais as obras de Backheuser (6, 7 e 8) e Travassos (192), não só pelo seu pioneirismo, mas também pela solidez com que seus argumentos form defendidos em prol da aplicação de uma política que devia considerar em sua formulação os fatores geográficos.

A década de 1940 apresentou-se fértil e a que mais produziu estudos sobre geopolítica, antes do advento da Escola Superior de Guerra. Embora numericamente a produção tenha sido das maiores, a qualidade dos trabalhos não chegou a superar as obras de Travassos e de Backheuser. Este último continuou produzindo ensaios publicados principalmente na *Revista Brasileira de Geografia* (fundada em 1939) e no *Boletim Geográfico* (fundado em 1943).

São desse período as obras de Figueiredo (57), Fonseca (62), Lysias Rodrigues (150), além de ensaios de Coelho (37 e 38), Delgado de Carvalho (23 e 24), Raja Gabaglia (138 e 139). Gikovate (65) elaborou também um ensaio realçando a importância cada vez maior que a geopolítica deveria assumir no estudo da geografia e da história, enquanto Travassos produziu três importantes trabalhos (193, 194 e 195), tratando problemas de geografia militar e os meios de transporte viários. Ribeiro (147) abordou o problema da transferência da Capital Federal. Este tema parece ter sido uma preocupação constante de todos os que se dedicaram à geopolítica, não só nos seus inícios como até há pouco tempo, pois mereceu a atenção de Alencar (1) sobre o seu sentido militar, como por parte de Backheuser (9, 10, 11 e 12), Christovam de Castro (30 e 31), Poli Coelho (37 e 39), Freitas (64), Guimarães (84 e 85), Lucas Lopes (102), Lysias Ro-

* A mais recente edição do livro de Travassos deu-se em 1978 pela editora El Cid, de Buenos Aires, ao lado do livro de Golbery do Couto e Silva (172), embora neste último caso este fato ocorresse à revelia do autor. No Brasil a última edição de Travassos data de 1947.

drigues (148) e J. Vasconcelos (201), permeando todas as últimas décadas.

Foi também na década de 1940 que inúmeros ensaios relativos aos transportes foram realizados. Figueiredo (58, 59 e 60) estudou o problema ferroviário em direção ao centro do continente, dando continuidade ao pensamento de Travassos, cujo objetivo talvez fosse, em suma, atingir o Pacífico através do *pivot*. Moacir Silva (174, 175, 176 e 177) produziu grande quantidade de trabalhos relativos à geopolítica dos transportes, sobre as rodovias e o seu papel na Segurança Nacional, bem como sobre a sua expansão interior considerando sempre a geografia como elemento principal na formulação desses estudos.

Imediatamente após o término da Segunda Guerra Mundial, Reichardt (143) publicou estimulante ensaio sobre *A geopolítica e a consciência geográfica da Nação*, onde considerou imprescindível a necessidade de se criar uma mentalidade de grandes espaços e o hábito de pensar-se geopoliticamente em idéias e planificações grandiosas. Nesses mesmos anos foram também criados os primeiros cursos de geopolítica no Brasil. O Instituto Rio Branco os iniciou em 1944 e 1945, em plena guerra, enquanto o Instituto Cultural Brasileiro fez o mesmo em 1947 e 1948. Nesse último ano o Instituto de Direito Comparado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro também incluiu essa disciplina em seu currículo, ressaltando-se que todos esses cursos estiveram sob responsabilidade de Backheuser.

Em 1949 foi criado, ainda no Rio de Janeiro, o Instituto Brasileiro de Geopolítica que durante doze anos serviu de centro aglutinador dos estudiosos nacionais até 1961, quando realizou sua última sessão. Em 1974 esse mesmo Instituto tentou reativar suas atividades, sem obter êxito, por ocorrerem conflitos entre os seus próprios integrantes.

O final do conflito mundial e o advento da Escola Superior de Guerra brasileira marcaram nova etapa nos estudos geopolíticos. De um lado surgiu toda uma nova geração de estudiosos (Therezinha de Castro, Meira Mattos, Golbery do Couto e Silva, João B. Magalhães, Waldyr Godolphim e Lyra Tavares); e outro, a guerra fria fez com que os estudos da recém-criada Escola Superior de Guerra assumissem caráter doutrinário. Justamente nesse período a produção de estudos geopolíticos tornou-se rica em termos numéricos e adquiriu bom teor qualitativo. A Escola Superior de Guerra converteu-se, a partir desse momento, no laboratório de idéias do seio militar. E de maneira tão eficaz que quinze anos depois as Forças Armadas assumiram o poder. Evidentemente muitos aspectos contribuíram para que a ascensão do estamento militar fosse possível, no entanto não é intuito nosso aqui discuti-los, mas pura e simplesmente constatar a eficácia e perseverança de uma doutrina pacientemente formulada, e que só aguardava uma chance de ser colocada em prática.

O período de guerra fria fez com que os estudos realizados nesse momento se vissem influenciados pelo clima do "inevitável confronto" ocidente *versus* oriente. Nesta linha de reflexão encontramos os ensaios de Golbery do Couto e Silva: *Geopolítica e geoestratégia* (169), *O Brasil e a defesa do Ocidente* (170) e *O problema vital da segurança nacional* (171). Outros ensaios de sua autoria, dos inícios da década, tinham sido aglutinados nos *Aspectos geopolíticos do Brasil* (168) que mereceu reedição ampliada (rapidamente esgotada) dez anos depois, quando o estamento militar já assumira o poder. O mesmo Golbery do Couto e Silva havia lançado também alguns anos antes *Planejamento estratégico* (167), obra de fundamental importância para a compreensão do pensamento estratégico nacional, constituindo-se talvez na publica-

ção mais importante conhecida até o presente momento.

Outros elementos vinculados à ESG deram a sua parcela de colaboração, emitindo opiniões em ensaios onde a ênfase foi dada sempre ao fortalecimento do poder nacional. São exemplos, Guimarães (86 e 87), Lyra Tavares (98 e 99) realçando a questão da segurança nacional, enquanto Souza Jr. (182) teorizou a possibilidade de um novo conflito mundial onde o Brasil deveria desempenhar sua "indeclinável responsabilidade". Miguel Lima (95, 96 e 97) e Travassos (196) estudaram os fundamentos geográficos do poder nacional.

A partir dessa década duas publicações assumem importância na divulgação de assuntos militares e geopolíticos, ao lado das anteriormente mencionadas: *Segurança & Desenvolvimento* e *A Defesa Nacional*, além das revistas *Cultura Militar*, *Revista Militar Brasileira* e a *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*. *A Defesa Nacional* (fundada em 1913), órgão da Cooperativa Militar das Forças Armadas, é a que apresenta maior quantidade de estudos desde então; *Segurança & Desenvolvimento*, órgão de divulgação dos ex-estagiários da Escola Superior de Guerra, passou a publicar, desde os inícios da década de 1950, estudos de conteúdo essencialmente doutrinário, aglutinando em sua volta toda a *intelligentia* civil e militar egressa de seus cursos.

Fialho escreveu *Problemas do Brasil* (55) e Backheuser deu continuidade a seus trabalhos publicando *Geopolítica Geral e do Brasil* (13). O mar parece ter sido descoberto e, além de traduções publicadas em *A Defesa Nacional* (Atencio, 4 e Deffontaines, 47), Backheuser contribuiu com *Aspectos geopolíticos do mar* (14). A Antártica assumiu importância nos estudos de Delgado de Carvalho & Therezinha de Castro (26 e 27) e Therezinha de Castro (32 e 33); as plataformas continentais mereceram transcrição de texto de Rubio

(155). Os anos 50 constituíram a década da construção da nova Capital Federal, que finalmente se trasladou para o Planalto Central, e Peixoto (131) abordou o assunto, tecendo igualmente considerações sobre a redivisão territorial do país; para Sobral (181) a nova capital constituiu-se em um novel eixo de gravitação nacional, enquanto Reis (144) analisou o assunto através da imprensa. A região amazônica assumiu importância: a partir de então inúmeras foram as análises realçando o seu valor econômico, político e estratégico, tanto por parte de autores nacionais, como pelas traduções inseridas em revistas como *A Defesa Nacional*, casos de Aquino (3), Higbee (89), Lescano (91), Moscoso (125 e 126), seguidos de outros sobretudo em épocas recentes quando se começou a discutir a internacionalização da região. São desta última fase, entre outros, os trabalhos de Becker (18), Meira Mattos (118 e 119), Muller (127), Ramos (140), Rebelo (142), Reis (145), Sanches (156), Schilling (159), Soares (179 e 180), Tams (188) e Wagley (204).

Em 1954 o *Boletim Geográfico* publicou pela primeira vez uma obra de Mackinder: *O mundo redondo e a conquista da paz* (108). Nos anos 50 Carlos de Meira Mattos iniciou sistematicamente suas contribuições, publicando *Aspectos geopolíticos de nosso território* (114) e ensaios que, durante as décadas seguintes, abrangerão desde as conceituações teóricas até os problemas estratégicos da África, passando pelo Caribe e Oriente Médio. Mendonça (120) utilizou como tema a história das fronteiras nacionais na Baía do Prata, desde o período colonial, enquanto Menezes (121), no mesmo ano, pensou o problema do Brasil e a comunidade afro-asiática. O relacionamento da diplomacia versus geografia fez-se presente em Delgado de Carvalho que publicou a *História diplomática do Brasil* (25), Graça (71) e Lousada (103). Cortesão (44), por sua vez, iniciou em 1950 a publicação de uma coleção composta de nove

volumes sobre *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. A geografia foi definitivamente incorporada e teve sua importância reconhecida na análise da política externa. Criou-se ainda em 1958, com Octávio Tosta em *A Defesa Nacional*, uma seção com a finalidade de tratar especificamente de assuntos geopolíticos.

As décadas de 1960 e 1970 assinalaram um período em que as preocupações estiveram voltadas frequentemente para segurança nacional e o fortalecimento do poder nacional. Enquanto isso no exterior, principalmente na América Latina, inúmeras foram as análises contestando a pretensão hegemônica e imperialista brasileira a nível regional, conforme veremos no item seguinte. No entanto, a nível interno ao contrário do que se poderia esperar, a produção em termos quantitativos não chegou a superar a das décadas anteriores: manteve-se em um plano mais discreto. Talvez o fato de um grupo autoritário ter assumido o comando do aparelho de Estado, tenha feito com que os próprios elementos responsáveis pela formulação da política estratégica nacional se reservassem a produzir estudos destinados a atenção apenas à elite fardada.

Meira Mattos lançou *Projeção mundial do Brasil* (115) e de início, na apresentação do livro, fazendo alusão ao trabalho de Travassos (192), pediu licença para sonhar não com um país de projeção continental, mas sim com um de projeção internacional, tentando mostrar porque o país deveria assumir um papel de relevo no concerto mundial das nações. Será esta tônica que orientará praticamente todos os seus ensaios posteriores. Barreto (16) apareceu em cena com uma obra publicada pela Biblioteca do Exército, *População, riqueza e segurança*, e pela primeira vez um autor nacional produziu um texto exaustivo sobre a geopolítica aérea (Arp de Carvalho, 20), porque até então apenas uma tradução de Seversky (166), tinha sido realizada. Isto deve ter a

sua inportância considerada porque a geopolítica nacional tem se preocupado quase sempre com problemas fronteiriços, ocupação dos espaços vazios e integração nacional, enquanto no período mais recente a atenção esteve voltada para os temas da segurança nacional e do poder nacional; secundariamente a questão marítima foi levantada por Flores (61), Fichas Latino-americanas (56), entre outros, e só em último lugar a geopolítica aérea. Nesta última linha apenas alguns trabalhos mais restritos tinham sido produzidos por Graça (72) e Lysias Rodrigues (151).

A FIESP/CIESP realizou em 1962 um Fórum sobre Segurança Nacional, do qual participaram, entre outros, Lyra Tavares e Castelo Branco, sendo que o primeiro havia publicado alguns anos antes (99) trabalho abordando esse tema, aprofundando-o nessa década (100 e 101), enquanto o segundo se converteu no primeiro presidente do movimento de março de 1964.

No período pós-64 inúmeros foram os ciclos sobre segurança nacional, tendo a *Revista Brasileira de Estudos Políticos* (146), dedicado edição especial sobre o assunto, enquanto Fragoso (63) transcreveu toda a legislação a respeito. Aliás, esse foi um dos temas mais explorados depois de 1964. Mereceu atenção não só de estudiosos nacionais como Amaral Gurgel (2), Barros (17), Oliveira (129), mas também de vários estrangeiros como Comblin (40 e 41), Durandin (48), Schooyans (163), Selcher (164) e Valdés (200).

Cartaxo (19) publicou obra onde, ao abordar o problema geopolítico nacional, procurou justificar a teoria e a prática de uma revolução, segundo suas palavras, nacionalista. Correia (42 e 43) pregou a anexação de territórios limítrofes ao Brasil, mormente na região setentrional. Suas preocupações identificaram-se com as de Lysias Rodrigues (149) embora este se referisse mais à criação de outros territórios

federais que funcionariam, ao longo das fronteiras, como territórios tampões, ou seja, o mesmo papel exercido pelo Uruguai em outro nível na região meridional do país.

Cunha (45), Faissol (50) e Guerra (74, 75 e 76) trilharam os mesmos caminhos, e a relação da geografia e história com o poder nacional e a segurança nacional constituiu-se em objeto de suas análises. Gomes (66 e 67) perguntou: por que o Brasil não é uma grande potência? E tentou responder ele mesmo pelas potencialidades geoeconômicas como o país pode converter-se em uma das cinco maiores potências mundiais. O problema de potência passou a ser uma constante não só nas elucubrações realizadas pela ESG, como por todos que, de uma forma ou de outra, achavam-se identificados com o movimento de 1964.

Uma obra clássica da geopolítica mundial mereceu duas edições (Liddell-Hart, 93 e 94). A *Geopolítica do Brasil*, do general Golbery (172), foi reeditada em 1967, enquanto Penna (132), no mesmo ano, analisou a política externa sob o prisma da segurança e desenvolvimento. Oliveiros S. Ferreira (53) examinou atentamente a influência de Hobbes no pensamento do general Golbery, mostrando os elementos que deram forma à sua visão do processo brasileiro.

O general Meira Mattos, que se revelou como um dos mais produtivos ensaístas da geopolítica nacional, além de ter sido o Comandante da Brigada Latino-Americana da Força Interamericana de Paz que invadiu a República Dominicana (1965), deu, no período pós-64, as suas maiores contribuições publicando *Brasil geopolítica e destino* (116), *A geopolítica e as projeções do poder* (117) e *Uma geopolítica pan-amazônica* (119).

Embora quase todos os trabalhos desse período tenham tido conteúdo doutrinário, em maior ou menor grau, bons

estudos analíticos foram realizados sobre a problemática da geopolítica nacional. Entre esses pode-se ressaltar os de Oliveiros S. Ferreira (53 e 54), Roett (153) e o de Morador Wettstein (124).

Os anos 70 presenciaram também a inclusão da disciplina *Geopolítica* no currículo do recém-criado curso de *Estudos Sociais*, que objetivava substituir as licenciaturas plenas de *Ciências Sociais*, *História e Geografia*. Nessa última década foram ainda realizadas várias conferências abordando aspectos geopolíticos nos “cursos de liderança política” promovidos pelo ex-partido governista, Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

— III —

No período mais recente (aliás desde o início da História do Brasil) a atenção da política exterior brasileira se achou voltada com intensidade para a Bacia do Prata (vide discurso de Castelo Branco em 31 de julho de 1964). Isto trouxe preocupações aos países vizinhos com relação à política implementada pela Chancelaria nacional, multiplicando-se estudos onde as críticas à posição brasileira — identificada como imperialista e tentacular — são uma constante.

Por isso a política internacional brasileira foi extensamente analisada e, na América Latina — principalmente na Argentina — vista com reserva. As críticas provenientes desses países passaram a identificar invariavelmente qualquer atitude assumida pelo governo brasileiro como forma de expansionismo e imperialismo regional. Essas preocupações fizeram inclusive com que a geopolítica não ficasse relegada apenas ao plano retórico. Em Buenos Aires criou-se o *Instituto de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais* que, sob a batuta do general Juan Guaglianelli, passou a editar a revista *Estratégia*, e as análises então publicadas — onde a geopolítica é levada às últimas

consequências — procuram mostrar o Brasil como o grande inimigo do continente. O próprio Guglielmelli (77, 78, 79, 80, 81, 82 e 83) converteu-se em autor de inúmeros ensaios sobre a problemática do Cone Sul.

Além desse instituto uma outra entidade foi também criada em Buenos Aires, e que trata especificamente de assuntos geopolíticos. O mesmo ocorreu no Uruguai e na Bolívia nos últimos anos, com a criação de entidades voltadas igualmente para o estudo de problemas estratégicos. Na Bolívia, inclusive, o ex-chanceler Raul Botelho Gonzalez (68 e 69) fez um longo estudo sobre as relações brasileiras no continente, estabelecendo analogia da expansão nacional com o papel imperialista que o país estaria desempenhando desde os inícios de sua história.

Trias (197 e 198) criticou a posição imperialista assumida pelo Brasil e Nunez (128) ressaltou o papel do Brasil como satélite e gendarme regional. Wettstein & Campal (205) denunciaram a política expansionista brasileira pela aquisição de terras em faixas fronteiriças no Paraguai, onde o cultivo da soja foi incentivado, e Schilling (157, 158, 160 e 161) — este brasileiro — procurou explicar a política expansionista na Bacia do Prata através dos projetos hidrelétricos e das “invasões” no Uruguai.

Na mesma linha de crítica à hegemonia brasileira encontram-se inúmeros trabalhos como os de Machicote (107) Mastorilli (111, 112 e 113), enquanto Ferré (51 e 52), Gualco (73), Lucchini (104), Ludes (105) e Quagliotti de Bellis (136 e 137) abordaram o problema a nível continental situando o Brasil no contexto do Atlântico Sul. Perez Llana (133) focalizou a sua análise na política exterior da Argentina, México e Brasil, tentando determinar se esses países são considerados potências de nível médio ou de primeira grandeza na constelação internacional.

Enquanto isto na Venezuela está sendo desenvolvido, com apoio da Chancelaria, projeto de pesquisa na Universidade de Los Andes, com o objetivo de analisar as mudanças políticas e sócio-econômicas do regime brasileiro a partir de 1964, e suas possíveis consequências para aquele país. O próprio trabalho de Morador Wettstein (124), *El militarismo brasileño y su proyección geopolítica* é produto desse projeto e procura demonstrar a hipótese de “como o Brasil tem sabido desenhá-lo, exercitar e difundir em seu território e além-fronteiras uma geopolítica coerente e projetiva com os países limítrofes, baseando-se em três fontes (energia, terra e recursos humanos)”, mostrando “como a transcendência alcança toda a América do Sul e indiretamente a América Latina”.

Outros projetos estão igualmente sendo desenvolvidos por Dieter Nohlen (Universidade de Heidelberg) e Gertrud Krause-Traudes, ambos da República Federal da Alemanha; Christian Guy Caubet (Universidade Federal de Santa Catarina), Moniz Bandeira (Rio de Janeiro) e Leonel Itaussu Almeida Mello (São Paulo), cuja preocupação é a presença brasileira na Bacia do Prata; Gerson Guimarães (São Paulo) estuda a segurança nacional e o pensamento do general Golbery, enquanto Sônia de Camargo (Rio de Janeiro) desenvolve um trabalho sobre a geopolítica dos generais Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva.

Numa prova de que não só na América Latina o crescimento econômico experimentado pelo Brasil tem chamado atenção, nos Estados Unidos inúmeros têm sido os trabalhos focalizando o novo papel desempenhado pelo país. Dans (46), Perry (134), Roett (152 e 153), Schneider (162), Selcher (165) e Theberg (190) analisaram o Brasil e o seu papel no cenário internacional, enquanto Tambs (186) elaborou uma tese explicando a expansão nacional até 1808 em direção a oeste. Aliás, é esta a

tradição verificada nos estudos realizados pelos “brazilianistas” que identificam na política brasileira a tendência contínua da marcha para oeste. O próprio Tams é um dos autores que mais se tem preocupado com problemas latinoamericanos, realizando trabalhos que focalizam não só a problemática brasileira, mas principalmente a continental (185, 188 e 189).

Peixoto (130) — este brasileiro — igualmente analisou o crescimento do poder do Brasil, enquanto Bailey (15) publicou uma coletânea sobre o papel da América Latina na segurança do hemisfério. Este último tema mereceu a realização de um Seminário Internacional sobre “Política e Estratégia” (São Paulo, 1979), organizado pelo *Convivium — Sociedade Brasileira de Cultura* e coordenado pelo general Meira Mattos e pelo prof. Oliveiros S. Ferreira*.

— IV —

Vimos nos parágrafos anteriores a existência de um grande número de estudos, desde a década de 1920, abrangendo uma gama variada de assuntos, de acordo com o momento em que foram produzidos. Nas décadas de 1940 e 1950, por exemplo, os textos foram influenciados pelo conflito mundial, ao passo que nas de 1960 e 1970, com a ascensão do estamento militar, a doutrina de *segurança e desenvolvimento* permeou quase todos os estudos produzidos até o presente momento.

Por isso não é de se estranhar também a grande quantidade de obras publicadas pela Biblioteca do Exército Editora que tratam do assunto. Se um levantamento rápido for feito para descobrir

quantos estudos doutrinários foram publicados no país, constatar-se-á com facilidade, que grande parte dos que versam sobre geopolítica e geoestratégia foram justamente patrocinados por essa editora, daí que seus autores sejam também, em sua maioria, pertencentes aos quadros militares. Os próprios assinantes eram constituídos exclusivamente por militares, e apenas em período recente a Bibliex passou a aceitar assinaturas civis (ou se as aceitava pelo menos nunca o divulgou como vem fazendo agora). É o mesmo caso de *A Defesa Nacional e Segurança & Desenvolvimento*, que só a partir dos últimos anos, incluíram em suas listas assinaturas civis (ressalvando para a segunda, os elementos civis que haviam freqüentado os cursos da ESG), enquanto a *Revista Militar Brasileira* permanece ainda destinada apenas aos oriundos dos quadros militares.

Observa-se ainda que desde Backheuser até Meira Mattos, os estudos realizados nem sempre corresponderam a pontos de vista que pudessem ser comprovados, oficialmente, como representativos do governo. As obras aparecem sempre com a responsabilidade individual do autor. Somente no período pós-64 é que se deu, também, com a criação da Escola Superior de Guerra, maior importância aos estudos geopolíticos, face ao clima de guerra fria reinante. Mesmo assim a ESG nunca se converteu em porta-voz oficial de qualquer governo, sendo os seus cursos realizados e a doutrina transmitida basicamente às pessoas que os freqüentaram. Com o movimento de 1964 a influência dos estudos esguianos certamente adquiriu importância, porque muitos de seus ex-estagiários assumiram cargos importantes na administração nacional, e pude-

* Nesse seminário compareceram, além de outros, Therezinha de Castro, Alfredo Souto Malan, Ibsen de Gusmão Câmara, Ivan Zanoni Hausen, José Alfredo Amaral Gurgel, Mário Cesar Flores, Lauro Ney Menezes, Neslon Freire Lavênere Wanderley, Octávio Tosta, Vicente Marotta Rangel, Ronaldo Sardenberg, além de especialistas estrangeiros como Roger Fontaine, Ray S. Cline, Ronald Schneider, Juan Carlos Puig, Lewis Tams, Alvaro Valência Tovar, William Perry, Wayne Selcher e Bernardo Quagliotti de Bellis.

ram, através do regime autoritário, colocar em prática muitos de seus conhecimentos.

Finalmente resta dizer que este “balanço” apresenta lacunas, sobretudo pela própria reserva que a Escola Superior de

Guerra e as instituições militares fazem de seus estudos, circulando-os de maneira restrita, e aos quais, na maior parte das vezes, não é possível termos acesso, principalmente quando se trata de trabalhos por elas considerados “sigilosos”.

MIYAMOTO, Shiguenoli. The geopolitical studies in Brazil: a contribution to their evaluation. *Perspectivas*, São Paulo, 4:75-92, 1981.

ABSTRACT: This paper discusses the brazilian geopolitical studies, origins to 1980.

KEY-WORDS: Geopolitics and international affairs; national security doctrine and development; national power; politics and strategy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALENCAR, Carlos Ramos — O sentido militar da transferência da capital. *A Defesa Nacional*, 574/575: 47-50, 1962.
2. AMARAL GURGEL, J.A. — *Segurança e democracia: uma reflexão sobre a doutrina da ESG*. Rio de Janeiro, Olympio, 1975.
3. AQUINO, Tasso Villar — A Amazonia brasileira sob o ângulo militar. *A Defesa Nacional*, 504: 59-64, 1956.
4. ATENCIO, Jorge — Influência geopolítica do mar. *A Defesa Nacional*, 463: 83-7; 464: 103-7; 465:71-6, 1953.
5. ———— *Que es la geopolítica*. 2. ed. Buenos Aires, Pleamar, 1975.
6. BACKHEUSER, Everardo — *Pela unidade do Brasil*. Rio de Janeiro, s.c.p. 1925.
7. ———— *A estrutura política do Brasil: notas prévias*. Rio de Janeiro, Mendonça Machado, 1926.
8. ———— *Problemas do Brasil: estrutura geopolítica*. Rio de Janeiro, Omnia, 1933.
9. ———— Localização da nova capital do país no planalto central. *Boletim Geográfico*, 5 (53): 515-6, 1947.
10. ———— Localização da nova capital: clima e capital. *Boletim Geográfico*, 5 (56): 871-2, 1947.
11. ———— Localização da nova capital: critérios de escolha. *Boletim Geográfico*, 5 (57):967-8, 1947.
12. ———— Localização da nova capital: ponto nevrálgico. *Boletim Geográfico*, 5 (58): 1083-4, 1948.
13. ———— *Geopolítica geral e do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952.
14. ———— Aspectos geopolíticos do mar. *A Defesa Nacional*, 538/539: 131-8, 1959.
15. BAILEY, Norman, ed. — *Latin America: politics and hemisphery security*. New York, Praeger, 1965.
16. BARRETO, Castro — *População, riqueza e segurança*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1961.
17. BARROS, Alexandre — *The diplomacy of National Security: South American international relations in a defrosting world*. Rio de Janeiro, EBAP/FGV, 1975. (mimeografado).
18. BECKER, Bertha K. — A Amazonia na estrutura espacial do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, 36 (2): 3-36, 1974.
19. CARTAXO, Otacílio. — *O problema geopolítico brasileiro: teoria e prática de uma revolução nacionalista*. Rio de Janeiro, Ouvidor, 1965.
20. CARVALHO, A. Procópio de — *Geopolítica do transporte aéreo*. São José dos Campos, CTA, 1963.
21. CARVALHO, Carlos Delgado de — *Introdução à geographia política*. São Paulo, Francisco Alves, 1929.

22. _____ *Geographia humana*; política econômica. São Paulo. Ed. Nacional. 1935.
23. _____ Geografia e estatística. *Revista Brasileira de Estatística*, 3 (10): 291-302, 1942.
24. _____ Atlas de geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, 5 (1):113-23, 1943.
25. _____ *História diplomática do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1959.
26. CARVALHO, Carlos Delgado de & CASTRO, Therezinha de. — A questão da Antártica. *Revista do Clube Militar*, 142, 1956.
27. Carvalho, Carlos Delgado de & CASTRO, Therezinha de — A questão da Antártica. *Boletim Geográfico* 14 (135): 502-6, 1956.
28. CARVALHO, Elyseo de — *O factor geográfico na política brasileira*. Rio de Janeiro, S.A. Monitor Mercantil, 1921.
29. CARVALHO, Orlando de — *O rio da unidade nacional, o São Francisco*. São Paulo, Ed. Nacional, 1937.
30. CASTRO, Christovam Leite — A mudança da capital do país à luz da Ciência Geográfica. *Revista Brasileira de Geografia*, 9 (2): 269-85, 1947.
31. _____ A transferência da capital do Brasil para o Planalto Central. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 200:132-3, 1950.
32. CASTRO, Therezinha de — Antártica, o assunto do momento. *Revista do Circulo Militar*, 30 (146), 1957.
33. _____ Antártica, o assunto do momento. *Boletim Geográfico*, 17 (150): 238-45, 1959.
34. CAUBET, Christian G. — *Fundamentos político-econômicos da apropriação dos fundos marinhos*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.
35. CELERIER, Pirre — *Géopolitique et géostratégie*. 3. ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1969. (Que Sais Je? n.º 693).
36. CIDADE, Francisco de Paula — *Notas de geografia militar sul-americana*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar. 1940.
37. COELHO, Djalma Poli — *Condição geopolítica versus determinismo geográfico no planejamento da mudança da capital*. s.l.p., Sep.1948.
38. _____ *Da geografia antiga à geopolítica*. *Anuário do Serviço Geográfico do Exército*, 2, 1949.
39. _____ A localização da nova capital do Brasil. *Geográfica*, 15 (41):1-31, 1954.
40. COMBLIN, Joseph — *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978.
41. _____ The National Security Doctrine. *Brazilian Studies*, 3 (2): 36-63, s/d. (Collection 'Documents').
42. CORREIA, Paulo Henrique — *O Brasil e as Guianas*. Catanduva, Ibel, 1965.
43. _____ *Rumos do Brasil*. Catanduva, Ibel, 1965.
44. CORTESÃO, Jaime — *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1950. 9v.
45. CUNHA, Ruy Vieira da — A história, a geografia e o poder nacional. *A Defesa Nacional*, 624:57-74, 1969.
46. DANS, Gustavo V. — Brazil on the offensive. *Nacla's Latin America and Empire Report*, 9(4): 3-30, 1975.
47. DEFFONTAINES, Pierre — Mediterraneo americano o mediterraneo europeu. *Boletim Paulista de Geografia*, 21: 28-67, 1955.
48. DURANDIN, Catherine — L'idéologie de la Sécurité Nationale au Brésil. *Problèmes d'Amérique Latine*, 44 (4): 391-3, 1977.
49. ESG — *Geopolítica*. Rio de Janeiro, Escola Superior de Guerra, 1977. — LS 17-77.
50. FAISSOL, Espiridião — Geografia e história e a segurança nacional. *Segurança Desenvolvimento*, 110, 1965.
51. FERRÉ, Alberto M. — *El Uruguay como problema en la Cuenca del Plata entre Argentina y Brasil*. Montevideo, Diálogo, 1967.
52. _____ *Geopolítica de la Cuenca del Plata*. Buenos Aires, A. Peña Lillo, 1974.
53. FERREIRA, Oliveiros S. — La geopolítica y el ejército brasileño. *Aportes*, 12, 1969.
54. _____ Tendências históricas e atuais da presença brasileira na América Latina. In: SEMINÁRIO SOBRE PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS COMPARATIVOS LATINOAMERICANOS E RELAÇÕES IN-

- TERNACIONAIS, Nova Friburgo, RJ, 1977. (mimeografado).
55. FIALHO, Adalardo — *Problemas do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952.
56. FICHAS LATINO-AMERICANAS — *Brazil y su frontera atlantica*. Buenos Aires, Tierra Nueva, 1974.
57. FIGUEIREDO, Lima — *A conquista do Brasil pelos brasileiros*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1943.
58. _____ E.F. — Noroeste do Brasil: o seu futuro. *Revista Brasileira de Geografia*, 9(2): 286-7, 1947.
59. _____ — Ligação Atlântico-Pacífico. *Boletim Geográfico*, 8 (89): 589-601, 1950.
60. _____ — *A Noroeste do Brasil e a Brasil-Bolívia*. Rio de Janeiro, Olympio, 1950.
61. FLORES, Márcio Cesar — *Panorama do poder marítimo brasileiro*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1972.
62. FONSECA, Leopoldo Nery da — *Geopolítica*. Rio de Janeiro, Bedeschi, 1940.
63. FRAGOSO, General Augusto — Legislação de Segurança Nacional. *Segurança & Desenvolvimento*, 24(162): 49-85, 1975
64. FREITAS, M.A. Teixeira — A transferência da capital. *Revista Brasileira dos Municípios*, 4(13): 59-63, 1951.
65. GIKOVATE, Moisés. — A geopolítica no estudo da geografia e da história. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 6 (17): 213-31, 1945.
66. GOMES, Pimentel — *Por que não somos uma grande potência?* Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1965.
67. _____ *O Brasil entre as cinco maiores potências*. Rio de Janeiro, Leitura, 1969.
68. GONZALVES, Raul Botelho — *Proceso del imperialismo del Brazil, de Tordasilhas a Roboré*. La Paz, 1960.
69. _____ *Proceso del subimperialismo brasileño*. Buenos Aires, Eudeba, 1974.
70. GRABENDORFF, Wolf & NITSCH, Manfred — *Brasilien: Entwick lunosmodell und Aussenpolitik*. Munchen, Wilhelm Fink, 1977.
71. GRAÇA, Jaime Ribeiro da — *A geografia da política externa*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1951.
72. _____ A geografia do poder aérea. *Revista Militar Brasileira*, 53(3-4), 1951.
73. GUALCO, Jorge Nelson — *Cono Sur: elección de un destino*. Buenos Aires, Companhia General Fabril, 1972.
74. GUERRA, Antonio Teixeira — Importancia da geografia no poder nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, 25 (4): 485-92, 1963.
75. _____ A região geográfica e sua importância para o poder nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, 26 (3): 459-63, 1964.
76. _____ A geografia aplicada na conservação dos recursos naturais básicos, tendo em vista o poder nacional e a segurança nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, 28 (1): 57-60, 1966.
77. GUGLIAMELLI, Juan E — Cuenca del Plata o Cono Sur? A propósito de la VI Reunión de Cancilleres de la Cuenca del Plata. *Estratégia*, 28: 7-17, 1974.
78. _____ Argentina, Brazil y la bomba atómica. *Estratégia*, 30, 1974.
79. _____ Argentina-Brazil: enfrentamiento o alianza para la liberación. *Estratégia*, 36: 1-29, 1975.
80. _____ Itaipu-Corpus. Operar en el frente principal y no confundirse con los frentes secundários. *Estratégia*, 36: 5-16, 1975.
81. _____ Golbery do Couto e Silva, el 'destino manifiesto' brasileño y el Atlántico Sur. *Estratégia*, 39: 5-24, 1976.
82. _____ *Argentina, Brazil y la bomba atómica*. Buenos Aires, Tierra Nueva, 1976.
83. _____ *Geopolítica del cono sur*. Buenos Aires, El Cid, 1979.
84. GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares — Relatório preliminar da segunda expedição geográfica ao planalto central do Brasil. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1947. (mimeografado).
85. _____ O planalto central e o problema da mudança da capital do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, 11 (4): 471-536, 1949.

86. _____ *O poder nacional: seus fundamentos geográficos*. Rio de Janeiro, ESG., 1954.
87. _____ Os fatores políticos no condicionamento do conceito estratégico nacional. *A Defesa Nacional*, 539, 1959.
88. HENNIG, R. & KORLHOLZ, L. — *Introducción a la geopolítica*. 2. ed. Buenos Aires, Pleamra, 1977.
89. HIGBEE, Edward C. — O homem e a Amazonia. *Boletim Geográfico*, 101, 1951.
90. HINSON, JR. & WILLIAM J. — *The military regime of Brazil: historical and ideological factors*. New York, Universidade de Colúmbia, 1978. (Tese mestrado).
91. LESCANO, José Zarate — *Peru y Brazil: relaciones y limites*. Antecedentes históricos de la Amazonas. Lima, Ministério da Guerra, 1957.
92. _____ *Introducción a la geopolítica*. Lima, Horizonte, 1970.
93. LIDDELL-HART, B.H. — *As grandes guerras da história*. São Paulo, Ibrasa, 1963.
94. _____ *Estratégia*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966.
95. LIMA, Miguel Alves de — *O poder nacional: seus fundamentos geográficos*. Rio de Janeiro, ESG, 1957.
96. _____ *O poder nacional: seus fundamentos geográficos*. Rio de Janeiro, ESG. 1958.
97. _____ *Geopolítica, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro, ESG. 1959.
98. LYRA TAVARES, Aurélio de — *Território nacional. Soberania e domínio do Estado*. Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1955.
99. _____ *Segurança Nacional. Antagonismos e vulnerabilidades*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1958.
100. _____ *Compreensão da Segurança Nacional*. In: *Forum Roberto Simonsen sobre Segurança Nacional*. São Paulo, FIESP/CIESP, 1962.
101. _____ *Segurança Nacional. Problemas Atuais*. Rio de Janeiro, J. Álvaro, 1964.
102. LOPES, Lucas — A metrópole brasileira deve ser transferida para o interior. *Revista Comercial de Minas Gerais*, junho de 1946.
103. LOUSADA, Francisco d'Almo — *Diplomacia e geografia*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
104. LUCCHINI, Adalberto P. — *Geopolítica del Cono Sur*. Buenos Aires, Juarez, 1971.
105. LUDES, Italo Argentino — *La Argentina y sus claves geopolíticas*. Buenos Aires, Eudeba, 1974.
106. MACEDO SOARES, José Carlos — *Fronteiras do Brasil no regime colonial*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1939.
107. MACHICOTE, Eduardo — *Brasil: la expansión brasileña: notas para un estudio geohistórico*. Buenos Aires, Ciencia Nueva, 1973.
108. MACKINDER, Harford — O mundo redondo e a conquista da paz. *Boletim Geográfico*, 12 (118): 80-4, 1954.
109. _____ *Democratic ideals and reality*. 2. ed. New York, The Norton Library, 1962.
110. MAHAN, Alfred T. — *The influence of sea power upon history*. New York, Will and Wang, 1957.
111. MASTRORILLI, Carlos — *Geopolítica del Brazil: história y doctrina*. *Estratégia*, 19-20, 1972.
112. _____ *Una actualización de la Doctrina Golbery: Brazil geopolítica y destino del general Carlos de Meira Mattos*. *Estratégia*, 39: 37-47, 1976.
113. _____ *Brazil y la Antártida: a propósito de la tesis de Therezinha de Castro*. *Estratégia*, 43-44, 1977.
114. MEIRA MATTOS, Carlos de — Aspectos geopolíticos de nosso território. *Revista Brasileira dos Municípios*, 4 (15), 1951.
115. _____ *Projeção mundial do Brasil*. São Paulo, Leal, 1960.
116. _____ *Brasil geopolítica e destino*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1975.
117. _____ *A geopolítica e as projeções do poder*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1977.
118. _____ *Uma geopolítica pan-amazônica*. *A Defesa Nacional*, 677: 5-13, 1978.
119. _____ *Uma geopolítica pan-amazônica*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
120. MENDONÇA, Renato de — *Fronteira em marcha* ensaio de uma geopolítica brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

121. MENÊZES, Adolpho Bezerra de — *O Brasil e o mundo afro-asiático*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongheti, 1956.
122. MIYAMOTO, Shiguenoli — Geopolítica do Brasil: resenha Bibliográfica. São Paulo, CEBRAP, 1979. 64 p. (mimeografado).
123. ——— *O pensamento geopolítico brasileiro* (1920-1980). 1981. (Dissertação — Mestrado).
124. MORADOR-WETTSTEIN, Raquel — *El militarismo brasileño y su proyección geopolítica*. Mérida, Universidad de Los Andes, 1978. (Tese - Mestrado).
125. MOSCOSO, Jorge W. Villacres — *Geografía política y económica de la Hilería Amazonica*. Madrid, Hispano America, 1956.
126. ——— Las vias interoceánicas através del Amazonas. *Revista Geográfica*, 23 (49): 65-74, 1958.
127. MULLER, Henrique Guilherme — A Amazonia e o despertar do Brasil. *Segurança & Desenvolvimento*, 168: 52-7, 1977.
128. NUNEZ, Carlos — *Brazil, satélite y gendarme*. Montevideo, Aportes, 1969.
129. OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de — *As Forças Armadas: política e ideologia no Brasil* (1964-1968). Petrópolis, Vozes, 1976.
130. PEIXOTO, Antonio Carlos — La montée puissiance du Brésil. *Revue Française de Science Politique*, 30 (2): 328-54, 1980.
131. PEIXOTO, João Baptista — A mudança da capital e a revisão territorial, dois magnos problemas geopolíticos contra os quais não se tem argumentos. *A Defesa Nacional*, 494: 63-71, 1955.
132. PENNA, J.O. Meira — *Política externa. Segurança & Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Agir. 1967.
133. PEREZ-LLANA, Carlos — Potencias intermédias o países mayores? La política exterior de Argentina, Brazil y México. *Estudios Internacionales*, 8 (29): 47-105, 1975.
134. PERRY, William — Contemporary Brazilian foreign policy: the international strategy of an emerging power. *The Foreign Policy Papers*, 2, 1976.
135. PIMENTEL, A. — Mudança da Capital Federal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 102 (63): 208:237, 1900.
136. QUAGLIOTTI DE BELLIS, Bernardo — *Uruguay en el Cono Sur. Destino Geopolítico*. Buenos Aires, Tierra Nueva. 1976.
137. ——— *Geopolítica del Atlantico Sur*. Montevideo, Fundación de Cultura Universitária, 1976.
138. RAJA GABAGLIA, F.A. — Em torno da divisão territorial. *Boletim Geográfico*, 2 (18): 817-9, 1944.
139. ——— Geopolítica e política geográfica. *Boletim Geográfico*, 3 (25): 40-2, 1945.
140. RAMOS, Rodrigo Octávio J. — A Amazonia — uma estratégia para sua preservação no campo do desenvolvimento e da segurança. *Cultura Militar*, 22 (218): 3-39, 1971.
141. RANGEL, Vicente Marotta — *Natureza jurídica e delimitação do mar territorial*. 2. ed. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1970.
142. REBELO, Darino Castro — *Transamazônica: integração em marcha*. Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Publicações do Ministério de Transportes, 1973.
143. REICHARDT, H. Canabarro — *A geopolítica e a consciencia geográfica da nação*. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1947.
144. REIS, Arthur C. Ferreira — Mudanças de capital. *Jornal do Brasil*, 13.11.1958.
145. ——— *A Amazonia e a cobiça internacional*. 2 ed. Rio de Janeiro, Edinova, 1965.
146. *REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS POLÍTICOS*. v. 26, 1966 (número especial sobre Segurança Nacional).
147. RIBEIRO, P. de Assis — *Notas à margem da transferencia da Capital da União*. Rio de Janeiro, Fundação Brasil Central, 1947.
148. RODRIGUES, Lysias A. — A mudança da Capital Federal. *Cultura Política*, 2 (20), 1942.
149. ——— A redivisão territorial política e o território de Tocantins. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, 5: 31-50, 1944.
150. ——— *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947.
151. ——— Política aérea do Brasil. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, 24, 1953.
152. ROETT, Riordan — *Brazil in the sixties*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1972.

153. _____ *Brazilian development in geopolitical perspective: foreign policy and international politics in the late 20 th. century*. Washington, The Johns Hopkins University, 1976. (mimeografado).
154. _____ *O Brasil na década de 70*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
155. RUBIO, Angel — Las plataformas continentales: un nuevo problema geopolítico. *Revista Geográfica*, 4(40): 27-31, 1954.
156. SANCHES, Aquiltes E. Lopes — *Venezuela política*. Caracas, 1975.
157. SCHILLING, Paulo — La Cuenca de la integración o los ríos de la discordia. *Víspera*, 33: 40-8, 1973.
158. _____ Las múltiples invasiones del Uruguay. *Marcha*, 22-23, 1973.
159. _____ La lucha por la Amazonia y el expansionismo brasileño. *Estratégia*, 33: 72-92, 1973.
160. _____ *Brasil va a la guerra*. Buenos Aires, Schapire, 1974.
161. _____ *El expansionismo brasileño*. Buenos Aires, El Cid, 1978.
162. SCHNEIDER, Ronald — *Brazil, foreign policy of a future world power*. Boulder, Westview Press, 1977.
163. SCHOONYANS, Michel — *Déstin du Brésil*. Gembloux, Duculot, 1973.
164. SELCHER, Wayne — The national security doctrine and policies of the Brazilian government. *Military issues research memorandum*. US. Army War College, 1977.
165. _____ O Brasil no sistema mundial de poder. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA. São Paulo, 13 a 17 de novembro, 1979. (mimeografado).
166. SEVERSKY, Alexander P. de — *A vitória pela força aérea*. São Paulo, Martins, s.d.
167. SILVA, Golbery do Couto e — *Planejamento estratégico*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1955.
168. _____ *Aspectos geopolíticos do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1957.
169. _____ Geopolítica e geoestratégia. *A Defesa Nacional*, 528: 81-4; 530: 49-50; 531: 95-102; 532-533: 95-8, 1958.
170. _____ O Brasil e a defesa do Ocidente. *A Defesa Nacional*, 534: 87-8; 535: 123-8; 536: 133-4; 537: 105-14; 538: 139-41, 1959.
171. _____ O problema vital da segurança nacional. *A Defesa Nacional*, 539: 129-135, 1959.
172. _____ *Geopolítica do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, Olympio, 1967.
173. SILVA, Moacir M.P. — Geografia dos transportes no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, 1(2): 84-97; 3: 60-72, 1939.
174. _____ A geografia no Plano Rodoviário Nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, 6(1), 1944.
175. _____ Geografia da circulação sobre os continentes. *Revista Brasileira de Geografia*, 9(1), 1947.
176. _____ Expansão dos transportes interiores. Alguns planos à luz da geografia. *Revista Brasileira de Geografia*, 20(3): 367-409, 1947.
177. _____ *Geografia dos transportes no Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE, 1949.
178. SOARES, Álvaro Teixeira. — *História da formação das fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1973.
179. _____ Amazonia: a importância política e econômica do Alto Madeira. *Segurança & Desenvolvimento*, 164: 53-65, 1976.
180. _____ Fronteiras mortas do setentrão amazônico. *Segurança & Desenvolvimento*, 169: 115-29, 1977.
181. SOBRAL, F. Fernandes — Brasília: novo eixo de gravitação nacional. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, 5: 27-53, 1958.
182. SOUZA Jr., Antonio de — *O Brasil e a terceira guerra mundial*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1959.
183. SPYKMAN, Nicholas J. — *Estados Unidos frente al mundo*. México, Fondo de Cultura Económica, 1944.
184. STRAUSZ-HUPÉ, Robert — *Geopolitics: The struggle for space and power*. New York, Arno, 1972.
185. TAMBS, Lewis — Geopolitical factors in Latin America. In: BAILEY, Norman. — *Latin America: politics and Hemisphere security*. New York, Praeger, 1965. p. 31-49.
186. _____ March to the west: a geopolitical analysis of Brazilian expansion. Santa Bárbara, University of California, 1967. (P.H.D. — Dissertation).

187. _____ Latin American geopolitics: a basic bibliography. *Revista Geográfica*, 73: 71-105, 1970.
188. _____ Geopolítica del Amazonas. *Estratégia*, 45: 69-104, 1977.
189. _____ O xadrez geopolítico da América Latina. *Brasil Defesa*, 4: 6-10, 1980.
190. THEBERG, James — Brazil's future position in the hemisphere and the world. *World Affairs*, 132, 1969.
191. TOSTA, Octávio — Everardo Backheuser, o precursor da geopolítica no Brasil. *A Defesa Nacional*, 532-3: 139-61, 1958.
192. TRAVASSOS, Mário — *Aspectos geográficos sul-americanos*. São Paulo, Ed. Nacional, 1931.
193. _____ Estrutura geomilitar do Brasil. *Cultura Política*, 1 (9): 17-25, 1941.
194. _____ As condições geográficas e o problema militar brasileiro. Rio de Janeiro. *A Defesa Nacional*, 1941.
195. _____ Introdução à geografia das comunicações brasileiras. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1942.
196. _____ O poder nacional: seus fundamentos geográficos. *A Defesa Nacional*, 539-540: 87-102, 1959.
197. _____ *Uruguay y sus claves geopolíticas*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1972.
198. _____ *Uruguay y sus claves geopolíticas*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1972.
199. TROLL, C. — A geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945: uma crítica e uma prestação de contas, 2.ª parte. *Boletim Geográfico*, 7 (83): 1269-82, 1950.
200. VALDÉS, Jorge A. Tapia — *El terrorismo de Estado — La Doctrina de la seguridad en el Cono Sur*. México, Nueva Imagem, 1980.
201. VASCONCELOS, J.R. — *Brasília, peça de política nacionalista*. *Revista Brasiliense*, 14: 171-77, 1957.
202. VICENS-VIVES, J. — *Tratado general de geopolítica*. Ed. Barcelona, Vicens-Vives, 1972.
203. VIDAL, Germano Seidl — A Hileia à luz da geopolítica. *A Defesa Nacional*, 432: 77-80, 1950.
204. WAGLEY, Charles — *Man in the Amazon*. Gainesville. The University Press of Florida, 1974.
205. WETTSTEIN, G. & CAMPAL, E.F. — Agricultura y geopolítica en la Cuenca del Plata. *Crisis*, 27: 3-38, 1975.